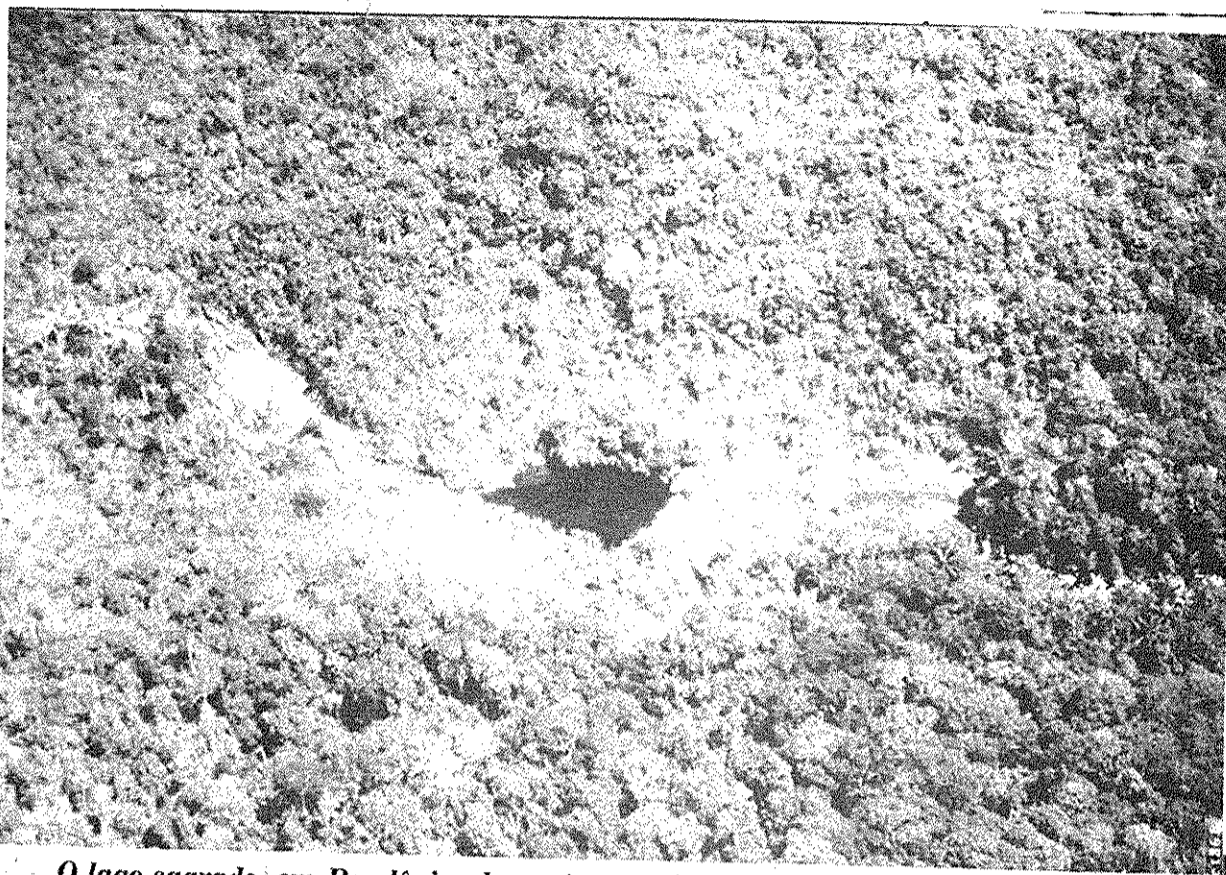


Pesquisa vai desvendar mistérios indígenas

190
Silvana Bittencourt

Pesquisar a existência de novas plantas anticoagulantes, com aplicação em doenças cardiovasculares, manter contato com índios isolados e chegar ao lago sagrado no alto da Serra das Pacas Novos, em Rondônia, onde tribos extintas podem ter lançado oferendas a seus deuses, é um dos projetos do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da UCG para o próximo ano. A expedição está marcada para junho, segundo o antropólogo visual Jesco Von Puttkamer que, apesar da perna amputada na semana passada, em razão de uma gangrena provocada pela diabetes, pretende acompanhar o grupo de arqueólogos e antropólogos, e desvendar um pouco mais dos mistérios indígenas. "Os segredos devem ser pesquisados logo, enquanto os velhos índios ainda estão vivos para transmitir sua sabedoria", afirma.



O lago sagrado, em Rondônia, desperta a curiosidade do antropólogo Puttkamer

O lago sagrado que despertou a curiosidade de Puttkamer fica no limite do planalto de Alta Lúcia (RO), próximo às nascentes do Rio Jauari, onde em meio a um bloco de rocha maciça surge uma grande depressão, coberta por águas límpidas. "Pode ter sido a queda de um meteorito que criou o buraco", supõe o antropólogo. Os índios Urueu-wau-wau, que habitam a região, garantem que se trata de um lago sagrado, dando margem à suspeita de que é possível existirem objetos arqueológicos antigos no fundo do poço, lançados como oferendas. As expedições já promovidas na área, contudo, não conseguiram alcançar o lago até agora, devido à dificuldade de acesso - cinco dias de caminhada a partir do posto avançado - e à resistência dos índios até então arredios, que se negavam a indicar o caminho. Com a confiança conquistada pelas tribos de Alta Lúcia, resultado dos contratos recentes, Jesco Puttkamer acredita que na expedição de junho próximo será possível chegar ao lago, e investigar a presença de sítios arqueológicos.



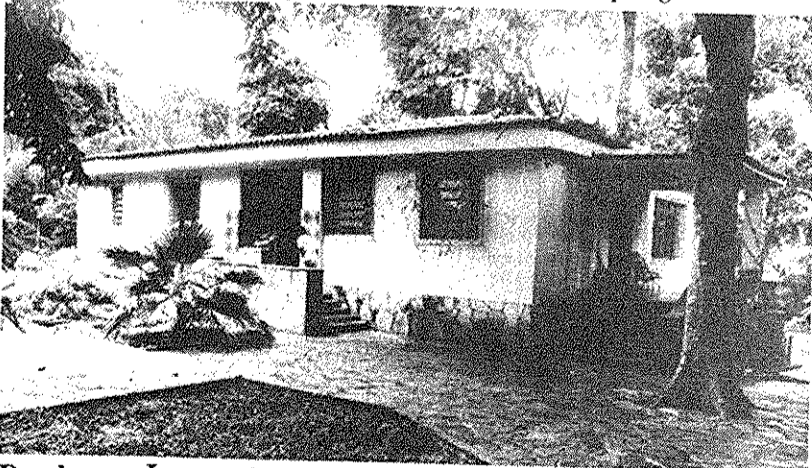
Os índios Urueu-wau-wau

existência de uma numerosa nação, depois esfacelada.

Após as experiências amigáveis com os brancos, membros das tribos da região já se dispuseram a guiar os pesquisadores até o local onde eles dizem existir o lago sagrado, afirmou Puttkamer. A expectativa é de que a expedição possa render descobertas arqueológicas, pois outros vestígios de ocupação antiga, de paleoíndios, já foram encontrados em cavernas da área. Jesco Puttkamer também relaciona o lago com outros da Colômbia e do Alto Xingu, onde os índios jogavam bonecas e objetos construídos por eles. "Acredito que essa fascinação por locais de água parada deve-se ao reflexo do sol, adorado por tribos antigas", arriscou o antropólogo.

ANTICOAGULANTE

A pesquisa de indícios de tribos antigas será apenas um das tarefas do IGPHA em Rondônia. A equipe pretende também estudar a utilização da Padiá, uma planta que a exemplo da Tike-Uba é empregada pelos índios em suas caçadas, para provocar hemorragias nos animais flechados. Se confirmada sua propriedade anticoagulante e produzida em laboratório, a Padiá poderá ser de grande utilidade à medicina, nas cirurgias e tratamento de doenças cardiovasculares. O contato mantido pela Funai de Cuiabá com índios isolados, há cerca de 15 dias, deverá ajudar no trabalho. Eles pertencem ao mesmo grupo dos Urueu-wau-wau e Amundava, com cultura e língua idênticas, sugerindo a



Doada por Jesco esta casa será a sede do Museu Indigenista

Um centro de documentação

Goiania ganhará em breve um Museu Indigenista que funcionará como centro de pesquisas e documentação das culturas indígenas atuais e antigas, conservando e expondo ao público centenas de objetos das tribos brasileiras, recolhidos nas frentes de atração ou colecionados por sertanistas e antropólogos. O museu será instalado na casa onde hoje vive o antropólogo visual Jesco Von Puttkamer, que acabou de doar o imóvel ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da UCG, com as condições de que a instituição receba o nome de Acary Passos, numa homenagem ao pesquisador, mantenha os três empregados da residência e uma ala para exposição dos objetos do barão Puttkamer, pai do antropólogo.

A casa de Jesco Puttkamer, avaliada por ele em US\$ 200 mil, está edificada em um terreno de 2 mil 500 metros quadrados, no Setor Bueno, com vários cômodos e área verde. Depois de ver frustra-

da sua idéia de criar no espaço a Fundação Barão Puttkamer de Apoio à Pesquisa, "por falta de apoio", o antropólogo decidiu doá-la em vida ao IGPHA, como forma de valorização da cultura indígena. Sua proposta é de que o museu seja mantido com recursos da Universidade Católica de Goiás, e ajuda orçamentária de doações nacionais e internacionais, garantindo a conservação, bom funcionamento e ampliação da futura instituição. Ali deverão ser mantidas coleções de objetos indígenas, muitos dos quais hoje se encontram encaixotados no IGPHA por falta de espaço, além das esculturas, diários e minérios recolhidos pelo barão Wolf Von Puttkamer ao longo de sua vida. O doador exige apenas que continuem abrigados e mantidos seus três funcionários, com direitos trabalhistas e carteira assinada. São eles o motorista Manoel José dos Santos, a arrumadeira Jacy de Souza Bispo e o porteiro-vigia Gilberto Ferreira Barbosa.